

AFFONSO MANTAⁱ

A poesia de Affonso Manta constrói-se em cima da ironia e da farsa, numa crítica mordaz e fina, montada como um quebra-cabeça, em flashes do cotidiano, a denunciar o provincianismo e a ditadura.

Simone Lopes Pontes Tavares

Um dos poetas líricos mais importantes de hoje. Sua poesia é o que há de melhor e vale mais do que muita obra completa que anda por aí exposta nas livrarias.

Ruy Espinheira Filho

Affonso Manta Alves Dias nasceu em Salvador, Bahia, a 23 de agosto de 1939. Faleceu em 2 de dezembro de 2003 em Poções, Bahia. Com três meses de idade, passou a residir em Iguaiá, onde permaneceu até janeiro de 1950, quando a família se transferiu para Poções, cidade do Sudoeste Baiano.

De volta a Salvador, o poeta frequentou o curso de Ciências Sociais na Universidade Federal da Bahia (UFBA), mas acabou por abandoná-lo. Trabalhou, em seguida, como guia do Museu de Arte Sacra e repórter do *Diário de Notícias*. Trabalhou na Diretoria Regional da Guanabara como inspetor da Seção de Reclamações da Empresa de Correios e Telégrafos, no Rio de Janeiro. Enfermo, retornou a Poções, onde voltou a viver desde novembro de 1974, aposentado da ECT.

Por parte de pai, o poeta é primo em quarto grau de Castro Alves, devido à sua descendência, por linha direta, de João José Alves, o alferes, irmão do médico Antonio José Alves, pai do Poeta dos Escravos. Affonso Manta publicou vários livros de poemas, dentre eles *A Cidade Mística e Outros*

Poemas (1980), *O Retrato de um Poeta* (1983), *No Meio da Estrada* (1991) e *O Estranho na Terra* (1995).

Lá vai Affonso Manta

Com estrelas na testa de rapaz,
Com uma sede enorme na garganta,
Lá vai, lá vai, lá vai Affonso Manta
Pela rua lilás.

Coroa de alumínio sobre o crânio,
Lapelas enfeitadas de gerânios
E flechas no carcaz.

Manto florido de madapolão,
Bengala marchetada de latão,
Desfila o marechal,

O rei da extravagância, o sem maldade,
O campeão da originalidade,
O peregrino astral.

[*O Retrato de um Poeta*]

Pêndulo

Para Iêda Machado

Conduza meu carneiro cor de vinho
Para pastar os lírios brancos do ar.
Guarde meu coração devagarinho
Na cômoda da sala de jantar.

Tire do gaiolim meu passarinho.
Ele gosta do sol e de voar.
Ponha no armário verde, com carinho,
A roupa que eu vesti para brincar.

Seja um anjo, meu anjo, de bondade.
Não zombe do meu passo hesitante.
Não moteje da minha enfermidade.

Eu sou algo indeciso, eu vacilo,
Eu cambaleio sem razão bastante
E, lento como um pêndulo, eu oscilo.

[*O Retrato de um Poeta*]

O Louco

Para Altamirando Camacam

Enlouqueci, um girassol nasceu na minha boca.
Os pássaros já estão fazendo ninho
Atrás da minha orelha.
Enlouqueci, o azul explodiu em fevereiro.
Vou conhecer Londres no meu bergantim de pirata.
As ruas são-me passarela para bailar.
Não me conheceis, transeuntes?
Não me conheceis, moça de olhos calmos
Do último andar do edifício?
Sou o Louco.
Prometi as chuvas do mês passado.
Prometi as árvores.
Prometi os vinhos.
Prometi este intenso azul de fevereiro.
Faço promessas maravilhosas.
E vede que se cumprem.
Abram as portas.
Chamem vossos filhos.
Chamem vossas noivas.
Os garotos vão rir de mim.
Por acaso, não quereis que as vossas noivas se divirtam?
Não há quem não ache graça
Do meu aspecto excessivo de profeta.
Convidem todo mundo.
Trago uma flor no bolso de dentro do paletó

Para ofertar ao sorriso mais inocente da cidade.
Não tenham medo.
Não faço mal a ninguém.
Sou o Louco.

[*O Retrato de um Poeta*]

(Esperando o título)

Fazer da brisa um traje sem medida
E do arco-íris fazer um tobogã.
Amar as mínimas coisas da vida.
E ter no olhar as luzes do amanhã.

[*O Retrato de um Poeta*]

Anjo de Fogo

É como um ser de forte claridade,
Anjo de fogo do celeste empíreo,
Eu sentia nas asas do delírio
A dimensão da grande liberdade.

Passava nos lugares rotineiros
Colhendo todo mundo em meu abraço,
Confundindo noções de tempo e espaço,
Embaralhando fatos verdadeiros.

Ia nos quatro pontos cardeais.
Andava sobre a linha do equador.
Via o céu de manhã mudar de cor.
Percorria os espaços siderais.

Ia mais longe do que qualquer nave.
Voava mais depressa do que a luz.
Entendia as palavras de Jesus
Como uma criancinha entende uma ave.

Achincalhava todas as mentiras.
Todos os fariseus desmascarava.
Os ídolos do hipócrita quebrava.
A roupa do impostor deixava em tiras.

E como um ser de etérea realeza,
Adornado de estrelas e de luas,
Saía a percorrer todas as ruas
À procura da forma da beleza.

E encerrava meu curso luminoso
Num lugar pelos homens habitado,
Onde era pelos guardas algemado
E preso como um louco furioso.

[*O Retrato de um Poeta*]

Criação

Crie canários belgas na varanda
Onde os meninos brincam de ciranda.

Crie esses bois de chifres de açucenas
Que pairam no céu das manhãs serenas.

Crie cavalos da Andaluzia
Num sítio de cristal e fantasia.

Crie raiz no amor de uma mulher.
E espere calmamente o que vier.

[*O Retrato de um Poeta*]

A Poesia

Para Ruy Espinheira Filho

A poesia tem os olhos inocentes.
Inocentes de saberem tudo.

A poesia nos envolve
Como o silêncio do tempo que passa.

A poesia é um pássaro branco
Voando na velocidade da luz.

A poesia embriaga como o vinho.
E nos mantém vivos como o ar.

A poesia é um rio imenso,
Um rio que deságua no infinito.

A poesia é um mar profundo.
Profundo como o mistério da vida.

[*O Retrato de um Poeta*]

O Realejo de Vinho

Para Solon Barreto

Para quem me queira ouvir:
Sou um homem aos frangalhos.
Parte por culpa de tudo.
Parte por culpa de nada.

E digo mais ao casual
Ouvinte deste relato:
Não sendo herdeiro nem rico,
Não tenho crédito na praça.

Amo as japonas escuras,
De mangas e tudo vasto.
E os colarinhos puídos
Uso desabotoados.

Ao pôr a minha gravata,
Fabrico um laço bem largo.
E acho triste andar com ela.
E, mais tristes, as gravatas.

Eu nunca faço questão
Que uma roupa seja cara.
Mas, ampla: e, sendo possível,
Com certo ar desesperado.

Eu prefiro, aos bons charutos,
Um velho e forte cigarro.
E odeio fumar cachimbo.
Pois sou muito angustiado.

No mais: um vento me agita,
Interior e largado,
E me devasta os cabelos,
Rosto, sorriso e palavra.

[*O Retrato de um Poeta*]

O Rei Affonso

Para Fred Souza Castro

Aqui, o rei Affonso, o Derradeiro,
Vê naus que não são mais as naus do porto.
São já as naus febris do sonho morto
No mar tão vasto como traiçoeiro.

Aqui, o mesmo rei, também chamado
Restaurador do Império Agonizante
Perde para o inimigo, doravante,
O reino duramente conquistado.

O rei, flor-de-lis santa e vulnerável,
Ferido pela dor inevitável,
Perdoa a punhalada do assassino.

E morre sem palavra de desgosto,
Mostrando paz até o fim no rosto,
A mesma paz dos tempos de menino...

[*O Retrato de um Poeta*]

De Cambulhada

Já cansei de ser sempre o bom pedestre
E trancar meu soluço na gaveta.
Já cansei do papel e da caneta.
Já cansei desta música terrestre.

Já cansei de levar e dar porrada.
Já cansei de bater na face avessa.
Eu trago uma luz dentro da cabeça.
Não vou virar bagaço nem cocada.

Vou sair por aí de cambulhada.
Até que alguma coisa resplandeça.

[*O Retrato de um Poeta*]

Besteira

Eu sempre faço uma besteira enorme:
Fico desperto enquanto o mundo dorme.
E eu hoje fiz outra besteira imensa:
Não pensei nada do que o vulgo pensa.

[*O Retrato de um Poeta*]

Jibóia

Com desvelos de cobra e com mil troços,
Fizeste do meu ser um caixão de ossos.
Se um dia eu for mordido pelos cães,
Dirás, para constar, palavras vãs.

E, quando eu não dormir ou ficar mudo,
Descobrirás um mau sentido em tudo.
São coisas que eu espero lentamente,
Como quem bebe um copo de aguardente.

Inventarás que o rei era a rainha,
Que não existe dor igual à minha
E que tudo que eu toco se transforma.

E mais: que estou cansado de estudar,
Que devo tomar sol, banhos de mar
E romper o silêncio de outra forma.

[*O Retrato de um Poeta*]

Relâmpagos
Para Garbogini Quaglia

Lembrar-me do que fui nunca me cansa.
Cansa-me andar no centro do Destino.
Eu sou feliz porque já sou menino.
Menino não precisa de esperança.

Eu revirei a vida pelo avesso.
Eu encontrei o fio da meada.
Eu dei no mundo muita cabeçada.
Eu sei onde é o fim e onde o começo.

Que me dera estar santo de uma vez.
E enlouquecer de luzes de repente.
Mas conservando toda a lucidez.

Viver sem o limite, em plena graça,
Na paz de uma razão incandescente
Capaz de dar relâmpagos na praça.

[*O Retrato de um Poeta*]

A Camponesa

Você, que veio cedo de Goiás.
Você, que eu vi na loja de calçados.
Você, que não gostava de soldados.
Você, que me inspirava madrigais.

Você, a camponesa dos gerais
De voz cortante e de olhos aguçados.
Você, a mulher cheia de cuidados.
A musa que agitou a minha paz.

Você, que, em suma, foi para o estrangeiro
E ninguém sabe como. Sem mais nada.
Sem adeus, sem bilhete, sem dinheiro.

Às vezes eu me lembro de você.
Me lembro e choro. Choro e dou risada.
Sinto um sol e sinto um não sei quê.

[*O Retrato de um Poeta*]

Opus nº 7

Soneto ao poeta Adelmo Oliveira

Embora eu sofra muito neste duro
E trágico planeta sublunar;
Embora eu me debata contra o muro
De uma angústia constante, regular,

Eu creio na bandeira do futuro.
Eu creio numa guerra popular.
Eu creio no horizonte largo, puro,
Do povo no poder a governar.

Pois a tristeza que meu peito invade
Não me impede de amar a liberdade.
Amo-a, ao invés, com maior devoção.

A liberdade que é meu arrebol,
“Esposa do porvir, noiva do sol”
Como disse Castro Alves, com razão.

[*O Estranho na Terra*]

O Pai

Era em seu rosto curvo desenhada
A figura do Pai.
Morto faz muitos anos.
Criava pássaros na varanda
E meninos no quarto de dormir.

O Pai deixou muitas cartas na gaveta
E silêncio
No quarto de dormir.

O Pai de mãos ingênuas,
Feito de porcelana.
Olhar tão simples atrás dos óculos.
Parecia usar cartola de mágico.

O Pai acordava cedo
Como todo pássaro.

Às vezes interrompia o silêncio
Com risadas inexplicáveis.

[*O Retrato de um Poeta*]

O Campo de Centeio

(*Poema de mãos dadas com Sylvia*)

Se eu morasse no inverno,
Descobriria não sei quantas situações
De branco.
E todo aquele que me lesse
– Jardim de asfódelos –
Nunca buscaria dicionários.
Não: este verso can-sa-do.
Car-dí-a-co.
Basta, se eu morresse no inverno.

Que beleza: na undécima.
Que coisa sensorial: na undécima.
Não na quarta.
Não na sexta.
Na undécima.
Que prazer carnal na duodécima.
Que furor na centésima.
Que cavalo bíblico arreganhado.
Basta, na undécima.

Se eu morasse no inverno,
Descobriria a situação undécima:
O campo de centeio do deserto.

[*O Retrato de um Poeta*]

Não Desejo Morrer...

Não desejo morrer enquanto houver
No céu estrelas brancas cintilando;
Na manhã clara um pássaro cantando;
Na cama um corpo airoso de mulher.

Não desejo morrer hora nenhuma
E sobretudo no instante presente.
Eu desejo ficar para semente,
Carpindo minhas dores uma a uma.

ⁱ O presente texto, organizado e produzido por José Inácio Vieira de Melo para a antologia *Sete Cantares de Amigo*, sofreu algumas pequenas modificações para a presente finalidade.